

# CAMÕES E A BÍBLIA: INTERTEXTUALIDADE NA LITERATURA PORTUGUESA

Maria Aparecida da Costa Gonçalves Ferreira<sup>1</sup>

## RESUMO:

O estudo analisa o soneto “Sete anos de pastor Jacob servia”, de Camões, levando em consideração sua intertextualidade com a Bíblia. Percebe-se, pois, que em sua obra são visíveis as influências clássicas que caracterizam o Renascimento, mas, sobretudo, aparece uma grande influência dos textos bíblicos, principalmente na lírica. Observa-se que a intenção do poeta ao usar o texto bíblico não é religiosa, no sentido cristão, como pontua Moisés (1994), mas no sentido de busca de significado para vida.

Palavras-chave: Classicismo português; Camões; Bíblia.

## Abstract:

This study analyses the sonnet “Sete anos de pastor Jacob servia” by Camões, taking in consideration the dialogue between the sonnet and the Bible. One can understand that Camões’s poetry received some Classic influences that characterized the Renaissance, especially from the Bible, which influenced most of his lyric poems. Camões’s intention in using the Bible is not religious, as says Moisés (1994), but he looks for a meaning to life.

Key-words: Portuguese Classicism; Camões; Bible.

## Introdução

O final do século XV e todo o século XVI foram marcantes na história política e cultural de Portugal. O desenvolvimento de novas tecnologias propiciou as grandes navegações e impulsionou o capitalismo comercial. No que diz respeito ao lado cultural, a busca de ideais clássicos e de valores estéticos universalmente humanos vão de encontro à cultura clerical, que vigorava até então, dando forma e força ao movimento chamado Renascimento. Como podemos ver no excerto abaixo:

O Classicismo consistia, antes de tudo, numa concepção de arte baseada na imitação dos clássicos gregos e latinos, considerados modelos de suma perfeição estética. Imitar não significava copiar, mas, sim, a procura de criar obras de arte segundo as fórmulas, as medidas, empregadas pelos antigos. (MOISÉS, 1994, p. 51)

---

<sup>1</sup> Professora de Literatura Brasileira e Portuguesa do Curso de Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

O período renascentista que compreende um momento em que a Europa revê seus valores, tentando deixar para trás o período negro da Idade Média e indo em busca de novidades, é de fundamental importância para delinear o perfil cultural de Portugal. Na cultura portuguesa, esse período tem início quando Sá de Miranda, poeta português, volta da Itália trazendo as novidades do pensamento humanista, bem como o Soneto, forma literária extremamente difundida no período Clássico. Inspirado, principalmente, na medida nova assim desenvolvida por Petrarca, Sá de Miranda apresenta a Camões o soneto. E é neste contexto que aparece um dos maiores poetas da língua portuguesa, Luis Vaz de Camões. Dono de uma vida atribulada, de amores impossíveis e proibidos, o poeta reflete em sua vasta obra, composta de textos líricos, épicos e dramáticos, tudo aquilo que ele viveu.

Contrariamente ao pensamento cristão que trazia Deus como centro do universo, o humanismo trazia o Homem como centro do universo, destituindo a idéia de que a terra, para quem não seguisse os preceitos religiosos/cristãos, era a anti-sala do inferno. Para Moisés:

Isso tudo pressupunha conferir à inteligência um superior papel na compreensão do Cosmos: o clássico quer-se intelectual antes de sensitivo, com a inteligência voltada para fora de si, para o Cosmo, e não para dentro, na sondagem do próprio “eu”. O Clássico procura entender a harmonia do Universo, e dela participar, utilizando o único meio possível para isso, a Razão ou a inteligência. (MOISÈS, 1994, p. 51)

Inspirado nos filósofos greco-latinos, o Classicismo com suas idéias fundamentalmente humanistas, tinha como princípio a valorização das questões humanas acima de todas as coisas.

## **01 - O poeta Camões.**

Luis Váz Camões(1527 (?)-1580), é referência quando se trata de um poeta completo, pois praticou em seus escritos o que chamava de junção entre engenho e arte, ou seja, os dois elementos fundamentais para que um escritor fosse perfeito. Camões inova na arte de escrever ao mostrar em seus textos o princípio clássico da imitação, mas na maioria das vezes superando o imitado, como fez com o humanista italiano Petrarca. A imitação de Camões não consentia apenas em transcrever o texto “alheio”, mas sim, em reinventar o texto. O escritor d’*Os Lusíadas*, agrega em seus escritos a arte com a engenhosidade, construindo com presteza os mais perfeitos e belos versos da língua portuguesa, como se percebe neste excerto, em que o poeta usa da “falsa modéstia” - recurso recorrente dos bons oradores – para dizer à amada,

que não pode cantá-la, pois lhe falta o primordial em um bom poeta que é a junção do engenho e da arte.

Porém, para cantar de vosso gesto  
a composição alta e milagrosa,  
Aqui falta saber, engenho e arte.  
(MOISÉS, 1994, p. 78)

Percebemos na poética de Camões, o completo domínio do engenho e da arte. Podemos ver textos ao estilo dos trovadores medievais – construídos na medida velha, ou redondilhos -, bem como, sua engenhosidade artística nos sonetos ou – medida nova, versos em decassílabos. Como pontua Massaud Moisés (1994), Camões não pode ser engessado dentro de um único período literário, já que além de praticar o soneto, ele pratica a literatura com características tipicamente medievais, além de pressagiar, nitidamente, a poesia barroca.

Nasce daí uma poesia que espelha a confissão duma torturada vida interior, referta de paradoxos e incertezas, a reflexão em torno dos magnos problemas que lhe assolavam o espírito, não só provocados por suas pessoais mas tomada de consciência dum desconcerto em que todos os homens estivessem imersos.(MOISÉS, 1994, p. 55)

Isso tudo reflete na obra de Camões como preocupação ou reflexão acerca de questões universais. Dessa forma, o poeta aproxima-se das idéias barrocas, pois aparecem em sua obra recursos que serão amplamente usados nas construções dos escritores do período posterior, como as antíteses e os paradoxos. Percebemos, ainda que Camões se vale de passagens bíblicas na construção de alguns sonetos, mas com uma intertextualidade destituída de valores religiosos/cristãos. Tal intertextualidade tem intenção visivelmente filosófica, em uma busca constante dos valores plenos, não necessariamente religiosos.

Estimulado pelo conceptismo dos mestres clássicos, vemos na poesia de Camões a ambigüidade característica do homem renascentista, que vivia em conflito deflagrado por duas forças opostas, a igreja, que tentava vencer com um discurso terrorista, prometendo o inferno para quem não seguisse seus preceitos, e as idéias humanistas, que tinham o homem como centro de todas as coisas. Contudo, além dos questionamentos filosóficos do homem renascentista, percebemos, sobretudo, nos poemas de Camões a idéia do amor pleno, que o poeta cantou como um ser intermediário entre os deuses e os mortais. Dessa forma, Camões coincide com Petrarca, seu mestre italiano, na idéia do amor, pois ambos cantaram um Amor com a maiúsculo. E é sobre esse Amor maior, com A maiúsculo que vemos o poema cujo primeiro verso é “sete anos de pastor Jacó servia”, pois, esse texto ilustra perfeitamente tanto

a engenhosidade de Camões, quanto a busca do amor sublime, do amor que supera qualquer obstáculo.

## 02 – Camões e a Bíblia.

Conduziremos nosso estudo sobre o poema de Camões, pautadas na teoria do comparativismo assim defendido por Tânia franco Carvalhal que afirma:

[...] o método (ou métodos) não antecede à análise, como algo previamente fabricado, mas dela decorre. Aos poucos torna-se mais claro que literatura comparada não pode ser entendida apenas como sinônimo de “comparação”. [...] Pode-se dizer, então, que a literatura comparada *compara* não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e alcance dos objetivos a que se propõe. (grifos da autora) (CARVALHAL, 1986, p.p.6-7)

Nesse sentido, usaremos o texto bíblico para ilustrar e reafirmar a engenhosidade do poeta Camões, que ao transpor um texto narrativo, imbuído de todo um contexto histórico específico, para um poema lírico, e sem perder a sua essência, o transforma em texto literário de alta qualidade/valor estéticos. Como podemos conferir a seguir:

### **Sete anos de pastor Jacob servia**

Sete anos de pastor Jacob servia  
Labão, pai de Raquel, serrana bela;  
Mas não servia ao pai, servia a ela,  
E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,  
Passava, contentando-se com vê-la;  
Porém o pai, usando de cautela,  
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos  
Lhe fora assim negada a sua pastora,  
Como se a não tivera merecida;

Começa de servir outros sete anos,  
Dizendo – Mais servira, se não fora  
Para tão longo amor tão curta a vida.  
(MOISÉS, 1994, p.78)

Poema comprovadamente extraído da narrativa Bíblica, que consta do Gêneses, mais precisamente do capítulo 29, que trata da chegada de Jacó, filho de Izaac e Rebeca, à casa de Labão, irmão de Rebeca. Vamos ao texto:

[...] Labão disse a Jacó: “pelo fato de seres meu sobrinho, me servirás de graça? Dize-me qual deve ser o salário”. Ora, Labão tinha duas filhas. A mais velha se chamava Lia e a mais nova Raquel. Lia tinha um olhar meigo mas Raquel era muito esbelta e formosa. Jacó ficou enamorado de Raquel e disse a Labão: “eu te servirei sete anos por Raquel, tua filha mais

nova”. Labão respondeu: “é melhor confia-la a ti do que entregá-la a um estranho. Fica comigo. Jacó serviu por Raquel sete anos, que lhe pareceram dias, tanto era o amor por ela. Jacó disse a Labão: “Dá-me minha mulher, pois completou-se o tempo e quero viver com ela”. Labão reuniu todos os homens do lugar e deu um banquete. Chagada a tarde, porém, tomou a filha Lia e levou-a a Jacó, que dormiu com ela. [...] Ao amanhecer, Jacó viu que era Lia e disse a Labão: “por que fizeste isso comigo? Não te servi por Raquel? Por que me enganaste?” E Labão respondeu: “ não é costume em nosso lugar dar a filha mais nova antes da mais velha. Termina esta semana de festa e depois será dada também a outra pelo serviço que me prestarás durante outros sete anos”. Assim o fez Jacó. Completada a semana, Labão deu-lhe por mulher a filha Raquel [...] Jacó se uniu também a Raquel e amou Raquel mais do que Lia. Por ela serviu mais sete anos. (BIBLIA SAGRADA, 1982, p.57-59)

Com essa longa, mas necessária, citação, podemos fazer uma comparação entre os textos da Bíblia e o de Camões. No poema, percebemos, claramente, a sujeição do eu lírico ao amor. Isso é percebido quando Jacó aceita sem reservas servir a Labão por sete anos em troca de sua filha Raquel. Vemos, pois, que o amor faz o amante servir resignado e feliz a amada e a ele próprio e não a seu patrão, Labão, que pensa estar sendo servido pelo pretendente de sua filha, como podemos ver a seguir:

Sete anos de pastor Jacob servia  
Labão, pai de Raquel, serrana bela;  
Mas não servia ao pai, servia a ela,  
E a ela só por prêmio pretendia.  
(MOISÉS, 1994, p. 78)

Nesse fragmento além de percebemos a valorização do Amor, em seu sentido mais pleno, podemos perceber resquícios da essência da poesia trovadoresca, mais precisamente das cantigas de amor em que o amante se torna um vassalo, um servo da amada, portanto, um servo do Amor.

No segundo quarteto do soneto, percebemos que, embora Jacob tenha servido, ou seja, cumprido o prometido para Labão ele é enganado. É importante salientar, que na narrativa bíblica o nome Jacob significa trapaceiro, já que antes de nascer este agarra o pé do irmão gêmeo Isaú, para tentar nascer primeiro. No poema, sabemos que Jacob é trapaceado por Labão, mas como não se faz necessário que dominamos o texto Bíblico para entendermos o poema, esse se torna mais perfeito, levando a pureza ou a dedicação do amor de Jacob por Raquel a um nível elevado, próximo da sublimação. Vejamos o trecho:

Os dias, na esperança de um só dia,  
Passava, contentando-se com vê-la;  
Porém o pai, usando de cautela,  
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.  
(MOISÉS, 1994, p.78)

Vê-se ainda na lírica camoniana que a idealização do Amor clássico e pleno faz confundir o poeta na busca do amor ideal. Percebemos, portanto, que em sua lírica o Amor com **A** maiúsculo se sobrepõe ao amor minúsculo, ou seja, o amor ideal ao estilo platônico, aquele concebido apenas no plano das idéias sobrepõe-se ao amor carnal, que seria ao ver do poeta uma realização medíocre do amor ideal, já que o amante serve fiel ao amor por sete anos, sem um retorno garantido. O amor, aquele verdadeiro, seria como uma idéia, uma abstração pura e perfeita acima de todas as experiências individuais. Nesse sentido, podemos perceber nos dois tercetos a resignação de Jacob quando recebe por prêmio, Lia, a irmã de Raquel.

Vendo o triste pastor que com enganos  
Lhe fora assim negada a sua pastora,  
Como se a não tivera merecida;

Começa de servir outros sete anos,  
Dizendo – Mais servira, se não fora  
Para tão longo amor tão curta a vida.  
(MOISÉS, 1994, p. 78)

Jacob aceita a irmã de Raquel como prêmio, e confia que receberá seu verdadeiro amor, mas na condição de servir ao pai da moça, por mais sete anos. Isso ratifica a valorização do amor acima de tudo. Tema bastante debatido pelos clássicos e extremamente difundido por Camões. O amado justifica, pois, que serviria mais sete anos se a vida não fosse tão curta para um amor tão grande.

### **Conclusão:**

Pudemos perceber com essa breve intervenção literária que Camões é fiel a idéia do texto Bíblico, entretanto, ao transformar um texto narrativo em um soneto/poema lírico amoroso, ele suaviza a atitude de Labão, supervalorizando o amor de Jacob por Raquel. Nesse sentido, o poeta português reescreve o texto Bíblico e o transforma em arte literária, destituído-o de valor religioso e moral, o que seria a intenção do texto bíblico. Como afirma Tânia franco Carvalhal,

Modernamente o conceito de imitação ou cópia perde seu caráter pejorativo, diluindo a noção de dívida antes firmada na identificação de influências. Além disso, sabemos que a repetição (de um texto por outro, de um fragmento em texto, etc) nunca é inocente. Nem a colagem nem a alusão e, muito menos, a paródia. Toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor. (CARVALHAL, 1986, p.53-54)

Se contextualizarmos o poeta Luis de Camões, no Portugal da reforma protestante e da contra reforma católica, podemos conjecturar que destituir um texto bíblico de seu sentido moralista/religioso é uma forma de fazer arte, ousando ir contra dogmas estabelecidos como fundamentais em seu tempo. Mas, sabendo que a literatura não tem nenhuma função além do valor estético e da beleza que alimenta a alma, como bem pregavam os clássicos, ficaremos com a interpretação de que o texto de Camões com relação ao bíblico é mais um exemplo de emulação, ou seja, Camões modifica, reinventa e supera.

### **Referências bibliográficas**

BÍBLIA SAGRADA. Trad. Domingos Zamagna. Petrópoles: Vozes, 1982.

CARVALHAL, T. F.; COUTINHO, E. F. (orgs.). Literatura comparada: textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

\_\_\_\_\_. Literatura Comparada. São Paulo: Ática, 1986.

MOISÉS, M. A literatura Portuguesa. São Paulo: Cultrix, 1994.

\_\_\_\_\_. Literatura Portuguesa através dos textos. São Paulo: Cultrix, 1994.